

1957
TEATRO
DE
JOSE RÉGIO

V

Três Peças
em um acto

•

Três Máscaras
O Meu Caso
Mário ou Eu Próprio – o Outro

PORTUGÁLIA

JOSÉ RÉGIO

TRÊS PEÇAS
EM
UM ACTO

TRÊS MÁSCARAS

fantasia dramática

O MEU CASO

farsa

MÁRIO OU EU PRÓPRIO - O OUTRO

episódio tragicómico



PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA

O MEU CASO

FARSA EM UM ACTO

FIGURANTES

O DESCONHECIDO

O EMPREGADO

A ACTRIZ

O AUTOR

UMA COLEGA DA ACTRIZ

PRIMEIRO ESPECTADOR

SEGUNDO ESPECTADOR

gente de palco

ACTO ÚNICO

(Sobe o pano sobre uma sala bem mobilada. Há um biombo à esquerda, aberto para o espectador. Grande porta ao fundo; outra, mais pequena, à direita. Logo, por esta porta mais pequena, entra um homem a correr, o qual será designado na farsa por O Desconhecido. Vem arquejante e desvairado. Dirige-se ao público num estado de grande excitação.)

O DESCONHECIDO

Meus senhores! Vossas Excelências vão estranhar esta minha entrada! E com razão! com toda a razão, que eu não sou da peça. Mas já explico; em poucas palavras, que não há tempo. Soube que a cena tinha de estar deserta uns momentos... lá consegui entrar. Nem sei como, nem sei! Atropelando o empregado; escondendo-me por trás desses papéis pintados, dessa bonecada... Ora Vossas Excelências vêem?!: bigodes postiços... cabeleiras falsas... pinturas e repinturas! tintas nas caras como se fossem quadros... É isto, Vossas Excelências vêem?! Tudo comédia! tudo teatro! Andam no fingimento como o peixe n'água. Ora estão moribun-

dos ora dançam foxes... *(olhando e apontando em roda, sempre agitado)* Até estes móveis!... estas paredes de lona!... estas porcarias de luxo... tudo provisório! tudo fancaria. E aqui principia o meu caso, Vossas Excelências desculpem. Vossas Excelências desculpem, que lhes tenho de falar do meu caso! Mas não, não é caso para pedir desculpas. Interessa a todos. Bem vejo, bem se vê que estou excitado... alarmado... são capazes de me julgar louco. *(gritando)* Mas não estou louco, isso queriam eles! Chamam doido a quem não entre nas suas tramóias... *(Procura falar mais calmo.)* Por isso tenho de serenar; tenho. E não posso perder tempo. Não é verdade que Vossas Excelências me não entendem? A culpa é minha, que ainda me não expliquei. Pois tenho de me fazer entender, trata-se dum caso muito importante... *(Tira o lenço do bolso, limpa a testa e a face, respira fundo, olha em silêncio os espectadores. Recomeça a falar num tom mais sereno, mas em que se nota o esforço por isso.)* O caso é este; e afinal é simples: Meus senhores! sou vítima de tremendos mal-entendidos! Tremendos, universais. No fim, todos resultam vítimas. Por isso preciso de falar aos homens, e ser ouvido. *(Novamente grita.)* Pois não é simples, um homem precisar de falar aos homens?! não é natural? Não somos todos humanos? Sou eu algum bicho? os senhores são bichos?! *(Breve silêncio; novamente procura falar mais sereno.)*

Vossas Excelências desculpem, continuo um bocadinho excitado. E tive de aproveitar a oportunidade... trocar as voltas... Começo a sofrer do coração, canso-me. Bem!, mas isso não importa. Não é esse o meu caso. Foram eles, são eles que me fazem sofrer do coração...! Mas não importa, já disse. Vamos ao que importa. Meus senhores! Em todos os lugares onde houver gente reunida... e sempre que puder insinuar-me... Porque não pode ser na rua, não pode! Levar-me-iam para a esquadra. Ou julgariam que faço reclame de quaisquer pilulas. Ora o meu caso é outro, meus senhores!, e importantissimo, como Vossas Excelências vão ajuizar...

O EMPREGADO,

*entrando também esbaforido,
mas pela porta do fundo:*

Ó senhor!... ó senhor!... faça favor de sair!
(Agarra-se a ele, procurando arrastá-lo para fora de cena.)

O DESCONHECIDO,

*sacudindo-o violentamente de
si, recua dois passos.*

Deixe-me! ou Você também é da tramóia?

O EMPREGADO

Mas o senhor está doido?! Não vê que vai principiar o espectáculo? Já tinha principiado, se a senhora não chegasse atrasada...